

PAULO FREIRE

e a pesquisa em educação

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoio:



FAUF
FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SÃO JOÃO DEL-REI



UFSJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SÃO JOÃO DEL-REI

PAULO FREIRE

e a pesquisa em educação

BRUNA SOLA DA SILVA RAMOS

Organizadora



Editora Sulina

© Autores, 2016

Capa:
Letícia Lampert

Editoração:
Vânia Möller

Revisão:
Simone Ceré

Revisão gráfica:
Miriam Gress

Editor:
Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

P331

Paulo Freire e a pesquisa em educação / organizadora Bruna
Sola da Silva Ramos. – Porto Alegre: Sulina, 2016.
302 p.

ISBN: 978-85-205-0758-2

1. Educação. 2. Formação de Professores. 3. Sociologia da Educação. 4. Ensino –
Fundamentos. I. Ramos, Bruna Sola da Silva.

CDD: 370
370.19
CDU: 37.01
377.8

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Agosto/2016}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*É como uma totalidade – razão, sentimentos,
emoções, desejos – que meu corpo consciente do
mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona.*

Paulo Freire

DE QUE É FEITO ESTE LIVRO

- 9 | **Dos temas geradores**
Bruna Sola da Silva Ramos

Tema gerador I: ALFABETIZAÇÕES

- 22 | **Alfabetização científico-libertadora: o despertar da curiosidade crítica**
Adriana Maria da Conceição Lamêda
- 47 | **Alfabetização urbana: Paulo Freire e o discurso da cidade**
Bianca Vale Cunha
- 59 | **O artesanato como cultura popular e alfabetização emancipadora: práxis de leituras de mundo**
Franciane Sousa Ladeira Aires

Tema gerador II: CENÁRIOS

- 80 | **“Onde estão as coisas dos pobres?” Museus e a pedagogia transformadora de Paulo Freire**
Ana Maria Nogueira Oliveira
- 96 | **Pedagogia de projetos no ensino profissional técnico: um diálogo possível com Paulo Freire**
Daniela Quintana
- 113 | **Paulo Freire e universidade: tecendo relações, construindo sentidos**
Flaviana Ribeiro
- 126 | **Vozes que ecoam na escola: a presença da família nos processos educativos**
Jacqueline Sade Tayer

Tema gerador III: CULTURAS

- 140 **Paulo Freire e a Lei 10.639/03: educação para as relações étnico-raciais como um ato político na prática docente**
Diogo Pereira Matos
- 158 **Identidade Cultural e o Andarilho da Utopia**
Leandro Drumond Marinho
- 175 **A criança como produtora de cultura: o brincar que humaniza**
Mariana Guimarães

Tema gerador IV: DIÁLOGOS

- 188 **A invenção e a reinvenção: fluência e confluência entre Michel Serres e Paulo Freire**
Geraldo Mateus de Sá
- 203 **O ser e estar no e com o mundo: um breve diálogo com Mikhail Bakhtin e Paulo Freire sobre a formação do sujeito e a educação**
Luziâne Andrade do Carmo
- 223 **Paulo Freire e Attico Chassot: a importância do popular**
Marcella Matos Cordeiro

Tema gerador V: LEITURAS

- 238 **“Diário de um rio”: a educação problematizadora de Paulo Freire e o Ensino de Ciências por Investigação**
Janice Alessandra de Oliveira Silveira
- 255 **A formação do leitor crítico: ler para além das linhas**
Magda A. Lombardi Ferreira
- 278 **“Cala a boca, menino! agora vou dar aula de Geografia...”:
reflexos da concepção bancária no ensino**
Samara Mirelly da Silva
- 295 **Por quem é feito este livro**

Dos Temas Geradores

A ideia que nos move neste livro é celebrar a dialogia. Dialogia corporificada no feliz encontro entre uma professora e duas dezenas de estudantes da disciplina *A Pedagogia Crítica de Paulo Freire*, ministrada no segundo semestre de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Envolvidos em uma espécie de exercício freiriano de pensar/fazer pesquisa em Educação, envolvemo-nos ativamente com a obra de Paulo Freire e buscamos refletir sobre as potencialidades de seu pensamento para o diálogo com diferentes pesquisas em andamento no Mestrado em Educação da UFSJ.

Com intencionalidade avaliativa, foi proposto aos estudantes que o artigo final da disciplina estivesse vinculado à sua apresentação em forma de comunicação oral no *I Colóquio Paulo Freire e a Pesquisa em Educação*, evento organizado pelo GECDiP¹ – Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico, no qual se objetivou, sobretudo, o fortalecimento de um diálogo franco e libertador entre Graduação e Pós-Graduação.

E eis que a intenção se cumpriu: entre 30 de novembro e 02 de dezembro de 2015, o Colóquio foi realizado, contando com participação expressiva de alunos do Mestrado em Educação, do Curso de Pedagogia e demais licenciaturas de nossa instituição, totalizando aproximadamente cento e cinquenta participantes. Nessa ocasião, os estudantes do Mestrado em Educação participaram de *Círculos de*

¹ O Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (GECDiP/UFSJ), coordenado pela professora Bruna Sola da Silva Ramos, vem, desde 2011, estimulando a reflexão e a pesquisa nos campos da Educação-Linguagem, Crítica-Política, Formação-Prática docente, sob a égide do diálogo libertador das filosofias humanas de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin.

Comunicações Orais nos quais apresentaram e debateram suas propostas de pesquisa iluminadas pelo diálogo com Paulo Freire, movimento suscitado na disciplina cursada na Pós-Graduação.

O resultado dessa produção é este livro que o leitor agora tem em mãos, composto das marcas de alteridade que necessariamente nos constituíram em processo: alteridade dialogal, humanizadora e crítica. Cada um dos textos aqui presentes anuncia a síntese de leituras coletivas fundamentadas em nossa interação reflexiva com o pensamento freiriano. São múltiplos os temas, as abordagens e os enfoques de análise possíveis. Mas todos eles dizem de um exercício de leitura “internamente persuasiva”, no qual foi possível vivenciar a potencialidade do pensamento de Paulo Freire para a pesquisa em Educação, em seus diferentes temas e matizes.

Com este livro, reforçamos nossa crença nas leituras da *palavramundo* que uma professora e seus educandos compartilham em sala de aula. Leitura *com* a vida e *para* a vida, possibilitada por encontros e confrontos entre o *eu* e o *outro* que habitam e realizam cada um de nós. Com este livro, também, reverenciamos a obra de Paulo Freire no percurso de formação docente. Em tempos nos quais se conclama “Basta de Paulo Freire!”, queremos ainda maior resistência do pensamento e da vontade, para que possamos pensar e propor novas alternativas a uma pedagogia que sirva não ao conhecimento em si mesmo, ou àquele coagido pelo mercado, mas ao sujeito em suas múltiplas possibilidades de ser.

Na composição deste livro, os artigos foram agrupados de acordo com o universo temático vivenciado pelos estudantes no *que-fazer* pesquisa em Educação. Daí a opção por nomearmos cada parte do livro por um **tema gerador** que articula os diferentes textos propostos. Grafados no plural, os temas geradores dos artigos reunidos nesta obra anunciam sua abertura para a polissemia já em sua própria denominação: *Alfabetizações; Cenários; Culturas; Diálogos; e Leituras.*

Tema gerador I – Alfabetizações

Em *Alfabetização científico-libertadora: o despertar da curiosidade crítica*, Adriana Maria da Conceição Lamêda propõe o debate sobre a alfabetização científica entrelaçado à perspectiva humana e libertadora de Paulo Freire. Professora dos anos iniciais do ensino fundamental, na rede pública de ensino, há nove anos, Adriana traz, de suas vivências e reflexões, a crença em uma “curiosidade à flor da pele”, latente nas crianças, que vai se dissipando com o passar dos anos escolares. Como Adriana afirma, quanto mais o aluno avança no sistema escolar, menos ele se pergunta, menor é sua curiosidade, e isso interfere diretamente em sua capacidade de reflexão-ação. E é justamente esse “potencial de curiosidade crítica” na promoção da alfabetização científico-libertadora que a autora busca problematizar no diálogo com Paulo Freire. Fica do texto um genuíno interesse da autora sobre como a curiosidade crítica pode contribuir para uma alfabetização científico-libertadora e as mudanças necessárias, nas práticas docentes e no ambiente escolar, para promovê-la.

Em *Alfabetização urbana: Paulo Freire e o discurso da cidade*, Bianca Vale Cunha sustenta o pressuposto de que toda cidade é um discurso – *Texto-urbes* – lócus de saberes e práticas sociais, em que diferentes camadas de textos se relacionam, entrelaçam, colidem e, ao assim fazerem, delineiam a própria *urbes*. Confrontada pela contradição que aflora do fato de que algumas camadas desse *texto-urbes* são privilegiadas como único discurso possível na vastidão em que se constituem as cidades, a autora posiciona três questionamentos fundantes: Como preparar o cidadão para ler o *texto-urbes*? Qual a importância de se conhecer e ler as entrelinhas desse texto tão rico e diverso? Como fazê-lo compreender as diferentes relações sociais contra-hegemônicas ali presentes que são omitidas do discurso urba-

no oficial? Para dialogar com tais questões, Bianca mergulha no pensamento freiriano, problematizando o empoderamento do sujeito no processo de alfabetização, a importância da ação dialógica e a inseparabilidade da leitura-escrita, com vistas a refletir sobre estratégias de leituras críticas e empoderadoras dos sujeitos que, ao lerem/escreverem o discurso da cidade, são incitados a inscreverem-se a si mesmos na realidade que constroem.

Em *Artesanato como cultura popular e alfabetização emancipadora: práxis de leituras de mundo*, Franciane Sousa Ladeira Aires, com base no pensamento freiriano, assume a cultura popular como cultura do povo e para o povo, expressa, também, por mãos que agem, pensam, refletem e transformam; enfim, por aquilo que diz respeito ao próprio *quefazer* dos homens. Entendida para além do processo mecânico de ler e escrever códigos, a alfabetização emancipadora é, assim, práxis vinculada à alfabetização como ato político. Nesse contexto de pensamento, Franciane apresenta o artesanato da comunidade do Bichinho/Prados – MG como cultura popular, instigada a pensar em suas possibilidades para a expressão e a (re)significação da leitura da *palavramundo* por crianças em processo de alfabetização.

Tema gerador II – Cenários

Em “*Onde estão as coisas dos pobres?*” *Museus e a pedagogia transformadora de Paulo Freire*, Ana Maria Nogueira Oliveira é guia de uma exploração instigante pelo cenário da educação em museus. A autora afirma que, apesar de acontecer de forma mais livre e prazerosa, a educação em museus faz-se também um processo de ensino-aprendizagem, apresentando, portanto, viés político e social, além de exigir estudos teóricos e metodologias que a embasem. Nesse percurso, os

conceitos freirianos de *organicidade* e *dialogação* são trazidos como fundamento das relações propostas, desdobrando-se em meio a seu conceito antropológico de cultura e à perspectiva de utilização de obra de arte nos processos de educação conscientizadora do sujeito. Seu texto suscita importante debate no campo dos estudos que contribuem com as práticas educativas em espaços não formais.

Em *Pedagogia de projetos no ensino profissional técnico: um diálogo possível com Paulo Freire*, Daniela Quintana, tendo como eixo norteador o trabalho como princípio educativo, discute o desenvolvimento de projetos de aprendizagem como fator crucial para a transposição de uma educação bancária e doadora para uma educação libertadora. A expectativa disseminada é a de que a Educação Profissional não se oriente apenas como um programa assistencialista ou de ajustamento ao mercado, esperando-se dela, para além do domínio operacional de certo fazer profissional, que o sujeito compreenda valores necessários para sua vida em sociedade. Por meio da proposição da Pedagogia de projetos, Daniela sustenta que o sujeito poderá viver de forma mais crítica e criativa, questionando o seu entorno e os contextos mais amplos que o rodeiam, possibilitando sua inserção na sociedade e no mundo do trabalho de forma mais consciente.

Em *Paulo Freire e universidade: tecendo relações, construindo sentidos*, Flaviana Ribeiro dedica-se, junto a Freire, à denúncia da educação bancária que ainda vige no ensino superior, vislumbrando o anúncio das possibilidades que a educação problematizadora inaugura à práxis educativa universitária. Desse modo, relaciona a educação superior ao pensamento freiriano, valendo-se do par dialético denúncia-anúncio para problematizar a radical exigência de uma educação superior voltada para o *pensar autêntico*, crítico e reflexivo, intencionada ao *Ser Mais*. É perigoso ou necessário que os sujeitos da educação superior pensem autenticamente? Com este

instigante questionamento, Flaviana revisita a crítica ao tratamento dado pela universidade ao pensamento freiriano na contemporaneidade, reafirmando a educação superior como espaço de lutas e contradições a se empenhar significativamente na formação da consciência crítica, especialmente no contexto atual de reformas da educação superior.

Em *Vozes que ecoam na escola: a presença da família nos processos educativos*, Jacqueline Sade Tayer traz pressupostos freirianos que nos ajudam a pensar sobre o papel que as famílias desempenham *na e com* a escola. Nesse cenário, a autora reafirma a participação familiar consciente, atuante e democrática como fator imprescindível à constituição do sujeito agente de sua própria história. Para tanto, discute a modificação da função da família, que hoje se ocupa da tarefa educativa dos filhos como uma prática social, reafirmando-a como pilar da construção social, afetiva e educacional do sujeito. O diálogo com Paulo Freire, experimentado pela autora, incita-nos a uma necessária reflexão crítica sobre a relação dialética entre família e escola.

Tema gerador III – Culturas

Em *Paulo Freire e a Lei 10.639/03: educação para as relações étnico-raciais como um ato político na prática docente*, Diogo Pereira Matos tece um diálogo entre a perspectiva freiriana de formação-prática docente e a educação para as relações étnico-raciais, por meio do trabalho com a história e cultura africana e afro-brasileira no contexto escolar. Diogo afirma que princípios como diálogo, respeito e tolerância são necessários ao contexto de implementação de políticas públicas para a igualdade racial e educação antirracista, em especial a Lei 10.693/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino

de história e cultura africana e afro-brasileira em nossas escolas. Com Freire defende a fertilidade de um diálogo que possa contribuir significativamente para o trabalho com as relações étnico-raciais em sala de aula, desdobrando-se pela reflexão-ação de professores e alunos sobre as questões raciais, sociais e culturais presentes em nossa sociedade.

Em *Identidade Cultural e o Andarilho da Utopia*, Leandro Drummond Marinho indicia os caminhos de uma investigação etnográfica que se ocupa do processo de formação da identidade cultural de jovens estudantes de viola caipira, na zona rural de São João del-Rei – MG, no Distrito de Emboabas. Sua pesquisa sugere um diálogo entre Música, Cultura e Educação, áreas do conhecimento que se comunicam, individual e coletivamente, com seu artigo, por meio do termo “Identidade Cultural”. Diante das múltiplas possibilidades que Freire nos apresenta para adentrarmos a reflexão sobre a Cultura e seus processos, Leandro constrói um movimento em que percorre e busca relacionar categorias teóricas como Ação Cultural, Herança Cultural, Identidade Cultural; Democratização Cultural, Síntese Cultural, Invasão Cultural, Círculos de Cultura e Revolução Cultural. Diz-nos Leandro que, muito mais que um referencial teórico-cultural, as reflexões freirianas são legados humanistas que atravessam a alma e deixam poéticas marcas. Uma delas vai ao título do próprio artigo.

Em *A criança como produtora de cultura: o brincar que humaniza*, Mariana Guimarães se apoia na obra de Paulo Freire, bem como nos estudos sociais da infância, para problematizar como as crianças vivenciam as experiências de brincadeira em suas relações com pares na escola, assumindo o brincar como experiência constitutiva de sua formação integral. Junto a Freire a autora explora os conceitos de cultura e identidade cultural, enfatizando a criança como produtora de uma cultura própria, a cultura infantil.

Tema gerador IV – Diálogos

Em *A invenção e a reinvenção: fluência e confluência entre Michel Serres e Paulo Freire*, Geraldo Mateus de Sá busca aproximar os pensamentos de Serres e Freire, entendendo que as ideias contidas em suas obras são possibilidades inovadoras de se pensar o mundo, o homem, a educação, a sociedade e o conhecimento. Segundo Geraldo, conceitos como *invenção* e *reinvenção* são assinaturas originais e dinâmicas da concepção pedagógica do ‘filósofo das narrativas’ e do ‘educador viajante do óbvio’. Suas obras nos instigam a inventar e a reinventar formas de ensinar e de aprender, especialmente no contexto contemporâneo, em que os jovens e os educadores, ambientados em outra realidade, não mais vivem nem convivem no mundo de seus antepassados. À luz de uma abordagem crítica, o diálogo entre Serres e Freire sugere novos caminhos para a efetivação de uma pedagogia pautada na concretude do mundo e no inacabamento humano.

Em *O ser e o estar no e com o mundo: um breve diálogo com Mikhail Bakhtin e Paulo Freire sobre a formação do sujeito e a educação*, Luziaine Andrade do Carmo aborda a questão do sujeito sob a perspectiva do diálogo teórico entre Bakhtin e Freire. Com Bakhtin, encontra no sujeito um “ser de palavra”, relacionado estreitamente ao social que o define e orienta. Voltando-se para a realidade da educação brasileira, a autora encontra em Freire o sujeito como um “ser da práxis”, atenta à rota de relações que vinculam educação, conscientização e diálogo. Na proposição de uma síntese reflexiva entre o pensamento dos dois autores, Luziaine defende a formação do sujeito para além do conhecimento de conteúdos sistematizados, suscitando nosso olhar para as relações de alteridade, dialogicidade, responsabilidade e conscientização crítica que orientam os caminhos de uma formação mais humana.

Em *Paulo Freire e Attico Chassot: a importância do popular*, Marcella Matos Cordeiro se debruça sobre a cultura popular e as possibilidades de sua inclusão na sala de aula. O conceito de Cultura é apresentado pela autora como um dos temas essenciais contidos na proposta político-pedagógica de Freire, em quem se ancora para pensar a transformação da educação bancária, que domestica e inibe o poder de criação, em uma educação libertadora, que estimula o pensar autêntico e a consequente inserção crítica do homem em sua realidade. Nesse contexto, o cenário argumentativo se compõe do diálogo com os “saberes primevos” de Chassot e sua compreensão acerca da relação fundante entre os saberes populares e o conhecimento científico no Ensino de Ciências. Ao sistematizar o debate proposto, Marcella aponta a escola como espaço de valorização dos diferentes saberes, defendendo que a valorização do conhecimento popular se constrói nos movimentos de uma educação libertadora.

Tema gerador V – Leituras

Em *“Diário de um rio”: a educação problematizadora de Paulo Freire e o Ensino de Ciências por Investigação*, Janice Alexsandra de Oliveira Silveira discute o Ensino de Ciências por Investigação à luz da concepção problematizadora de Paulo Freire. Seu objetivo é delinear uma possível relação entre a proposta da educação problematizadora/libertadora de Paulo Freire e as características que potencializam o Ensino de Ciências por Investigação. Para dialogar com o campo teórico assumido, Janice apresenta o relato de uma experiência vivenciada por ela junto aos alunos de uma escola pública, em que buscaram compreender os sentimentos e percepções que envolvem a relação entre os moradores do distrito de Morro do Ferro/Oliveira – MG e o

Rio Jacaré, principal curso d'água da região. Esta experiência, fundada em uma problematização da realidade, levou os alunos ao resgate da história e da relevância do rio para a comunidade, fomentando reflexões sobre a importância da construção do conhecimento a partir da realidade concreta do aluno, sobretudo valorizando os saberes (e memórias) populares constituídos em seus lugares de vivência.

Em *A formação do leitor crítico: ler para além das linhas*, Magda A. Lombardi Ferreira apresenta possibilidades para se pensar a formação do leitor crítico a partir da filosofia da educação libertadora de Paulo Freire. Considerando que o ato de ler é um ato social e, por isso mesmo, um processo complexo, multifacetado e intrinsecamente relacionado com o contexto e as práticas culturais que o formam, Magda aborda o encontro entre sujeitos e livros e como esses sujeitos podem se constituir como leitores críticos. Apoiando-se na *Palavra*, na *Consciência*, na *Criticidade* e no *Diálogo* como construtos teóricos fundantes, a autora defende o pressuposto freiriano de que aprender a ler criticamente é um ato político, portanto, um ato criador.

Em *"Cala a boca, menino! agora vou dar aula de geografia...": reflexos da concepção bancária no ensino*, Samara Mirelly da Silva discute a leitura da palavra-mundo, proposta por Paulo Freire, em suas relações com o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Samara ressalta a importância do papel do conhecimento geográfico como possibilidade de promoção da leitura do mundo e do espaço da vida nas salas de aula. Considera, portanto, junto a Freire que, em seu processo de alfabetização, os educandos aprendem a ler a palavra, mas, sobretudo, o mundo a sua volta, sendo a *práxis* autêntica pautada no despertar da consciência crítica. É nesse cenário que Samara problematiza a concepção bancária de educação e discute a importância de práticas docentes coerentes e éticas, que respeitem a autonomia do ser do educando, sua cultura e saberes, para que sua palavra se

manifeste como pronúncia de um mundo novo voltado à libertação, e não à domesticação.

Considerados em sua totalidade, os dezesseis artigos que compõem este livro buscam não apenas a rota de denúncia das mazelas e dos atrasos que assolam as políticas e práticas educativas em nosso país, mas nascem, sobretudo, como anúncio de um pensamento novo, alicerçado em legado freiriano, que nos orienta à assunção de um paradigma educativo mais condizente com as possibilidades humanas. Em forma de síntese, poderíamos dizer que os artigos que aqui o leitor encontrará dizem de **transformação**, objetivo inescapável quando chegamos ao reconhecimento da infinita capacidade humana de ação-reflexão.

Profa. Bruna Sola da Silva Ramos
São João del-Rei, maio de 2016.